

PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO EM RORAIMA: DA FALTA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA À NECESSIDADE SOCIAL

Portuguese As A Welcoming Language In Roraima: The Lack Of Specific Training For Social Need

Cora Elena Gonzalo ZAMBRANO (UERR)¹

RESUMO: A imigração em massa de venezuelanos para o Brasil, aumentou a demanda e, conseqüentemente, a oferta de cursos de português nas instituições de Roraima. Nesse sentido, o ensino da língua majoritária do Brasil é uma forma de acolher o imigrante de língua e cultura diferentes. No entanto, poucos professores roraimenses têm formação específica para ensinar português como língua estrangeira. Dessa forma, surgiu a necessidade de pesquisar quais Instituições de Ensino Superior oferecem cursos aos imigrantes e qual a formação oferecida nessa área. No embasamento teórico foram usados autores como Almeida Filho (2007), Júdice (2016) e Amado (2013). A metodologia foi qualitativa e interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008). Os resultados mostraram que nem a UERR, a UFRR e o IFRR têm, nas suas grades curriculares, disciplinas obrigatórias voltadas para o ensino de LP a estrangeiros. No entanto, as duas primeiras, oferecem cursos de extensão desde 2006 e 2007, respectivamente, com professores e acadêmicos envolvidos no ensino e na pesquisa nessa área. Na perspectiva de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), os trabalhos iniciaram apenas em 2017 e as pesquisas ainda são incipientes. Por outro lado, devido à grande demanda, o IFRR passou a ofertar cursos de português aos imigrantes, a partir de 2017.

PALAVRAS CHAVE: Português; Estrangeiros; Cursos; Acolhimento; Imigração; Formação.

ABSTRACT: The mass immigration of Venezuelans to Brazil increased demand and, consequently, the supply of Portuguese courses offered by institutions in Roraima. In this sense, the teaching of the majority language of Brazil is a way to welcome the immigrant of different language and culture. However, few Roraima teachers have specific training to teach Portuguese as a foreign language. Thus, the need has arisen to investigate which Institutions of Higher Education offer courses to immigrants and what training offered in this area. For the theoretical basis, authors such as Almeida Filho (2007), Judice (2016) and Amado (2013) were used. The methodology was qualitative and interpretative (BORTONI-RICARDO, 2008). The results showed that neither UERR, UFRR and IFRR have, in their curriculum obligatory subjects directed to teaching of LP to foreigners. However, the first two offer extension courses from 2006 and 2007, respectively, with professors and academics involved in teaching and research in this area. In the perspective of Portuguese as host language (PLAc), the work began in 2017 and the research is still incipient. On the other hand, due to the great demand, the IFRR started offering Portuguese courses to immigrants, starting in 2017.

¹ Professora da Universidade Estadual de Roraima. Mestre em Letras pela UFRR. Doutoranda em Estudos Linguísticos (UFMG). E-mail: coragonzalo@gmail.com

KEY WORDS: Portuguese; Foreigners; Courses; Hosting Language; Immigration; Formation.

INTRODUÇÃO

A grave crise política, econômica e social transformou a Venezuela, um dos países mais prósperos da América Latina, em um lugar mergulhado na miséria, corrupção e hiperinflação. O país vizinho ficou conhecido nos anos 70² por ser o maior receptor de imigrantes de várias partes do mundo e hoje é uma nação de emigrantes espalhados por diferentes lugares do continente americano e europeu. A maior massa está chegando aos países vizinhos, como o Brasil e a Colômbia, desde 2015.

Conforme Silva (2017, p. 7) o movimento migratório venezuelano possui um fator de expulsão bastante expressivo, já que a crítica situação “econômica, social e de segurança faz com que muitos venezuelanos deixem seu país em busca de outras localidades, como a região norte do Brasil, mais precisamente Roraima”.

Roraima, com pouco mais de 500 mil habitantes, segundo dados do IBGE³, tem recebido mais de 70 mil venezuelanos que fogem dos problemas políticos, econômicos e sociais que as Eras Chávez e Maduro deixaram⁴. De acordo com os dados do relatório de refugiados apresentado pelo Ministério da Justiça⁵, em 2017, Roraima tornou-se o Estado com maior número de solicitações de refúgio em todo o país, tirando o lugar de São Paulo, que sempre liderou as estatísticas. Esse aumento desenfreado aconteceu em decorrência da imigração venezuelana. Contabilizando os pedidos de todo o Brasil, os venezuelanos representam mais de 50 % dos solicitantes, seguidos por haitianos, cubanos e angolanos. Dados da Polícia Federal apontam que de janeiro de 2015 a junho de 2018, 56.740⁶ venezuelanos solicitaram requerimentos de refúgio ou residência temporária no Brasil. Sendo 35.540 solicitações de refúgio e 11,1 de residência.

Ao atravessar a fronteira entre o Brasil e a Venezuela, essas pessoas encontram muitas barreiras, dentre elas, a língua, pois apesar do português e do espanhol serem línguas próximas, ambas românicas, originadas do latim, a língua portuguesa pode ser

²Ver Silva (2017)

³<http://www.folhaby.com.br/noticia/Roraima-e-o-estado-menos-populoso-diz-IBGE/31805>

⁴Ver <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2018/03/15/venezuela-acelera-desvalorizacao-sem-controlar-dolar-negro-e-inflacao/>

⁵Ver www.folhaby.com.br/noticia/RR-lidera-pedidos-de-refugio/38682

⁶Dados da Polícia Federal, publicados no Jornal Folha de Boa Vista. Acesso em 17 de jul. 2018. www.folhaby.com.br/noticia/PF-recebeu-56-mil-pedidos-de-regularizacao-de-venezuelanos/42052.

considerada distante da realidade desses imigrantes. Nesse contexto, surge a necessidade de um ensino de língua portuguesa com um viés social, como uma forma de acolher o imigrante de língua e cultura diferentes. No entanto, poucos professores roraimenses têm formação específica para ensinar português como língua estrangeira, somado ao agravante do contexto de imigração forçada, no qual é necessária uma abordagem diferenciada no ensino de línguas.

Nesse cenário, o objetivo deste trabalho é pesquisar quais Instituições de Ensino Superior de Roraima oferecem cursos aos imigrantes e qual a formação oferecida nessa área. Este artigo descreve também, como surgiu cada curso e as novas perspectivas da área de ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Foi embasado na Linguística Aplicada, na subárea ensino de línguas que, ao entender a língua como uma prática social, precisa também estudar a sociedade e cultura na qual está inserida, seguindo a concepção de língua como algo líquido, heterogêneo e em constante transformação, associada sempre à cultura e identidade de seus falantes.

Quanto à metodologia científica, esta pesquisa foi qualitativa e interpretativista, com estudo bibliográfico e de campo. De acordo com Bortoni- Ricardo (2008, p.34), “na pesquisa qualitativa, o pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem”. A pesquisa de campo contou com entrevistas semiestruturadas com os coordenadores dos cursos de português e alguns monitores. Além da bibliografia especializada sobre ensino de línguas, foram consultados relatórios, projetos de extensão, sites de notícias, dentre outros documentos.

Para iniciar, o texto descreve as características do PLAc, na segunda seção apresenta uma breve contextualização sobre a formação em português para estrangeiros no Brasil. Em seguida, explana informações sobre PLE e o ensino na perspectiva de PLAc nas instituições públicas de Ensino Superior de Roraima.

PORTUGUÊS LÍNGUA DE ACOLHIMENTO (PLAc)

A língua do país de acolhimento pode desempenhar um papel fundamental como instrumento de explicação e apropriação da realidade, ou seja, o conhecimento da língua portuguesa poderia ajudar os imigrantes a resolver os problemas enfrentados diariamente, como conseguir atendimento médico, vagas nas escolas e oportunidades de emprego formal.

De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra acolhimento significa ato ou efeito de acolher, acolhida, acolho, guarida. Outra definição do mesmo dicionário é: lugar onde se encontra amparo, proteção ou refúgio. Nessa perspectiva, a língua de acolhimento tem um sentido mais social, voltada para a proteção e acolhida do cidadão, o que, segundo Grosso (2010), configura uma nova situação socioeducativa.

A Língua de Acolhimento (LAc) diferencia-se da Língua Estrangeira (LE) pois a LE é estudada em outro país, de outra cultura (ALMEIDA FILHO, 2007), como no caso de turistas estrangeiros que estudam português antes de visitar o Brasil. Por outro lado, a LAc pode ser considerada uma segunda língua (L2), já que tem o contato e a interação social, por ser estudada no lugar onde é língua oficial e majoritária, ou seja, em ambiente de imersão. No entanto, de acordo com Grosso (2010), a LAc ultrapassa os limites da L2, por incluir também a abordagem do domínio profissional, dos direitos sociais e da integração temporária ou permanente ao país de acolhimento

Na mesma linha de ideias, São Bernardo (2016) afirma que as necessidades das pessoas em situação de imigração forçada ou refúgio são diferentes das necessidades de outros estudantes de português para estrangeiros. É o caso de turistas, estudantes universitários, diplomatas, dentre outros profissionais, que aprendem a língua em contextos sociais que não implicam a luta pela sobrevivência.

Ainda nessa relação da língua com a sobrevivência de imigrantes forçados, Cabete (2010, p.48) explica que “o desconhecimento da língua poderá representar um obstáculo à comunicação com o Outro, ao conhecimento dos seus direitos e deveres enquanto actor social e criar uma desigualdade onde o imigrante se torna mais vulnerável”. Para a autora, a barreira linguística resulta no afastamento das pessoas que não compreendem a língua. Assim, pode ocorrer um distanciamento da sociedade de acolhimento.

Dessa forma, a pressão se acentua ainda mais com as preocupações de conseguir um lugar onde morar, um emprego e comida para a subsistência. A ansiedade e necessidade de se integrar na nova sociedade, de aprender a nova língua, leva essas pessoas a buscar os cursos de português que nem sempre conseguem frequentar, por falta de dinheiro, de transporte ou mesmo de tempo livre. Conforme Sene (2017), esses aspectos devem ser levados em consideração:

Todos esses fatores relacionados às pressões e tensões que o público-aprendente enfrenta no processo migratório têm que ser consideradas no ensino-aprendizagem da língua alvo, pois eles engendram

dinâmicas/movimentos específicos para esse ensino, visando atender às necessidades do público-aprendente, considerando os seus atravessamentos, os seus limites, as suas recusas e as dificuldades pelas quais passam. (SENE, 2017, p.35)

Para a autora, as dificuldades dos imigrantes devem ser levadas em consideração durante as aulas, já que afetam o processo de ensino-aprendizagem da nova língua. Nesse sentido, Freire (1982) ressalta que a preocupação com a questão do sujeito advém da sua importância no processo de mudança e transformação social, fato que enfatiza a necessidade de uma abordagem metodológica específica para o ensino de PLAc.

Contudo, a iniciativa do ensino de PLAc parte, geralmente, de professores universitários, instituições sem fins lucrativas, igrejas e pessoas engajadas na prestação de serviços sociais. Entretanto, é urgente a necessidade de mais projetos de ensino de PLAc em Roraima e da qualificação dos professores envolvidos nesse ensino.

Seguindo a linha de pensamento de Amado (2013), é necessário cobrar que o Governo Federal e os Governos Estaduais promovam o ensino de português a imigrantes e refugiados, apoiando efetivamente as universidades com o fim de aumentarem os projetos de extensão. As IES, por sua vez, devem incentivar os acadêmicos de Letras a participarem desses programas, como estagiários ou voluntários. Amado (2013, s/n) pede ainda, que as instituições voltem os olhares no ensino e pesquisa ao público imigrante, o qual, “[...] arrancado de sua terra natal, de sua família, de sua língua, busca neste país uma nova oportunidade de refazimento, de integração [...]”.

FORMAÇÃO EM PLE NO BRASIL

Assumir a responsabilidade de ministrar aula de Português como Língua Não Materna (PLNM) é sempre um desafio, já que são poucos os professores com alguma formação na área ou com experiência nesse tipo de ensino. Um dos motivos é que a formação específica em PLE/PLA/PL2⁷ é recente no Brasil. A maioria dos cursos de Letras ainda não tem em seus currículos disciplinas ou conteúdo específico sobre o ensino de português como língua estrangeira, língua adicional, ou ainda, língua de acolhimento.

Dessa forma, quando surge a necessidade desse ensino, a tendência é ministrar aula de português como se fosse para falantes nativos, ou seja, como língua materna. De

⁷ PLE: Português como língua estrangeira. PLA: Português como língua adicional. PL2: Português como segunda língua.

acordo com Cabete (2010), a mesma dificuldade foi enfrentada em Portugal, fato que obrigou os professores a pautarem “[...] suas atividades de muita investigação, de métodos intuitivos baseados na experiência pessoal e de muito autodidactismo”.

Para Júdice (2016) a quantidade de professores formadores na área de português como língua não materna é insuficiente no Brasil, assim como o número de cursos de graduação específica. Conforme a autora, apenas existem o da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA). No entanto, nos últimos anos, algumas universidades passaram a oferecer disciplinas introdutórias em Português para Estrangeiros, muitas vezes complementados por estágios supervisionados em projetos de extensão, é o caso das universidades de Roraima.

Segundo Almeida Filho (2007) na década de 1960 e 1970 apenas havia cursos de PLE nas principais cidades brasileiras. Atualmente, há muitas universidades que oferecem ensino regular de português para falantes de outras línguas em todas as regiões do país. Ele afirma que grande parte do ensino de PLE se dava em instituições privadas de línguas e em universidades para estudantes visitantes, vindos principalmente da América Latina e África.

Na atualidade, existe uma crescente demanda de professores de português, como afirma Castilho (2013), tanto brasileiros como estrangeiros, que trabalham com ensino-aprendizagem de PLE e buscam atualização na área. Conforme o autor supracitado, uma opção para a formação de professores é a Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLÉ), a qual oferece seminários e cursos de capacitação, além de um encontro anual.

Tendo em vista os aspectos mencionados, são poucas as opções para a formação dos profissionais interessados em seguir carreira no ensino de língua portuguesa para estrangeiros. No norte do Brasil é ainda mais difícil, devido ao elevado custo das passagens aéreas e hospedagens para se deslocar de Estados como Roraima, a fim de participar de cursos e encontros em regiões do país com mais oportunidades de capacitação na área.

PLE NAS IES DE RORAIMA: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFRR

A Universidade Federal de Roraima (UFRR), por meio do Núcleo de Estudos de Línguas e Literaturas Estrangeiras (NUCELE), oferece cursos de Português para

Estrangeiros, denominado curso de PLE/PLA, Português Língua Estrangeira e Português Língua Adicional, desde 2007. As aulas são destinadas aos estrangeiros residentes no Estado e são cobradas taxas de matrículas semestrais. Oferecem os níveis básico, intermediário e avançado. Também há cursos específicos para os estudantes estrangeiros oriundos de convênios, voltados à preparação para o exame de proficiência em língua portuguesa, o Celpe-Bras. Esses cursos podem ser classificados como ensino regular de PLE e, como afirma Almeida Filho (2007), essa oferta é mais recente em outros lugares do país, pois, segundo o autor, antes apenas existia nas principais cidades.

Na UFRR também há o Programa Idioma Sem Fronteiras (IsF) que, desde 2017, passou a oferecer curso de Leitura e Produção de Textos em Português, destinado aos docentes, funcionários e acadêmicos estrangeiros. Pelo fato dessas vagas serem exclusivamente para a comunidade acadêmica, o número de participantes é reduzido, embora já exista uma grande quantidade de estudantes estrangeiros na graduação e na pós-graduação. O professor do curso é um acadêmico de graduação em Letras e conta com a coordenação de um professor efetivo da instituição. Em agosto de 2018, o mesmo programa passou a oferecer Português para Refugiados, aberto à comunidade geral, também ministrado por um acadêmico bolsista. Foram abertas 40 vagas divididas em duas turmas. Uma opção de ensino voltado ao público imigrante que surgiu após o aumento da demanda no Estado.

Com relação à formação dos professores de português como língua estrangeira na UFRR, o curso de Letras incluiu, há pouco tempo, uma disciplina optativa em Ensino de PLE. Até 2018.2 havia sido ofertada apenas duas vezes, por dois professores com pesquisas e experiência na área. No entanto, acadêmicos de graduação e pós-graduação participam como monitores dos cursos oferecidos a estrangeiros há mais de 10 anos. Contudo, a formação em PLE na IES mais antiga de Roraima (UFRR) vem acontecendo graças à força de vontade de alguns docentes e de discentes que, foram aprendendo com a prática ou como afirma Cabete (2010), “com muito autodidactismo” e assim, suprimindo as necessidades de cada grupo.

Várias pesquisas de graduação e pós-graduação em PLE/PLA⁸ já foram realizadas na instituição, algumas como resultado dos cursos regulares do NUCELE ou dos cursos voltados ao convênio PEC-G. Em 2017 começaram as pesquisas em PLAc,

⁸ Na instituição são usadas as duas siglas para o curso de extensão do centro de línguas, embora cada professor use a sigla de preferência, uns PLE, outros PLA.

porém, até o final de 2018 somente foram realizados trabalhos de conclusão de curso de graduação.

O termo Português como Língua de Acolhimento passou a ser difundido no âmbito universitário roraimense a partir de 2017, por meio de uma palestra da professora Lúcia Barbosa (UNB), na UFRR. A professora convidada ofereceu uma capacitação para os acadêmicos voluntários que estavam iniciando o ensino de português no Projeto Acolher⁹. Em 2018 a docente retornou a Boa Vista para realizar um encontro de professores e voluntários de PLAc, no qual, professores, acadêmicos (UERR, IFRR e UFRR) e voluntários da comunidade participaram e trocaram experiências de ensino e aprendizagem nesse contexto migratório. Pode ser considerada a primeira capacitação em PLAc aberta a todas as pessoas que trabalham com ensino de português para imigrantes em Roraima. Uma oportunidade única para os docentes voluntários, tendo em vista a crescente demanda nessa área (CASTILHO, 2013) e a dificuldade dos professores em saírem do Estado para participarem de cursos e eventos.

Destarte, o primeiro curso voltado ao Português como Língua de Acolhimento em IES roraimense foi oferecido pelo Projeto Acolher, da UFRR. Esse projeto surgiu graças a um acordo com a Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), por meio da Cátedra Sergio Vieira de Mello (CSVM)¹⁰, com o objetivo de desenvolver ações de educação, pesquisa e extensão. Dentre as ações iniciadas, estão os cursos de português para refugiados venezuelanos ministrados por acadêmicos e pessoas da comunidade. O trabalho voluntário teve a participação do curso de Relações Internacionais, Coordenadoria de Relações Internacionais (CRINT/UFRR), Grupo de Pesquisa (GEIFRON), Centro de Ciências Humanas (CCH) e membros de projetos de extensão desenvolvidos na universidade.

Conforme Costa e Silva (2018, p. 603), neste contexto migratório “a condição de refúgio está intimamente relacionada à aprendizagem de uma nova língua”. E a partir dessa necessidade surgiram os cursos de português destinados a esse público em Roraima, após a chegada de milhares de imigrantes ao Estado. O curso Português como Acolhimento iniciou no primeiro semestre de 2017 com pequenas turmas em 3 pontos da cidade. No segundo semestre do mesmo ano ganhou uma estrutura mais formal, passou a funcionar no Colégio de Aplicação da UFRR, no qual, foram ofertadas

⁹ As informações sobre o referido projeto estão nos próximos parágrafos.

¹⁰ Em 2017, a UFRR passou a ser a primeira Universidade do norte do país a compor a CSVM. Ver Simões (2018).

mensalmente, aproximadamente 130 vagas, em 4 turmas, com duração de 40 horas cada uma. A proposta era reforçar, a partir de vivências com músicas e vídeos, a experimentação com a língua portuguesa e seus usos coloquiais.

A segunda etapa do curso foi coordenada pedagogicamente por uma professora com graduação em Letras (UERR), cuja formação e experiência em PLE/PL2 se deu por meio dos estágios supervisionados realizados no curso de extensão oferecido no Campus de Pacaraima¹¹. Posteriormente, a professora realizou o trabalho de conclusão de curso na área e continuou trabalhando como voluntária, mesmo após a colação de grau. Ao se mudar para Boa Vista, decidiu integrar a equipe de voluntários do Projeto Acolher (UFRR) e em pouco tempo tornou-se a coordenadora pedagógica do curso de português, já com o foco no acolhimento de refugiados e imigrantes. Esse relato mostra a importância de envolver os acadêmicos nos projetos de extensão (AMADO, 2013), pois, mesmo sem a referida docente ter cursado uma disciplina específica na graduação, a participação como estagiária e voluntária lhe proporcionou uma vasta experiência e despertou nela a sensibilidade para enxergar a necessidade social dos imigrantes em situação de vulnerabilidade.

Os professores da equipe do Projeto Acolher eram voluntários, estudantes das áreas de Relações Internacionais, Psicologia, Ciências Sociais e alguns poucos professores formados em Letras. Apesar da falta de experiência com o ensino de português, a equipe tinha vontade de ajudar as pessoas, uma característica marcante no ensino de PLAc. As aulas ocorriam de segunda à sexta-feira, duas horas diárias, durante um mês. Aos sábados, faziam encontros práticos, com duração de 3 horas, mediados por professores formados, com experiências em ensino de línguas e literatura brasileira. Também eram oferecidas aulas para crianças de 02 a 14 anos, na turma chamada de Portuguesinho, direcionada aos filhos dos imigrantes que se matriculavam no curso. As crianças aprendiam a língua portuguesa brincando, assistindo filmes, cantando e pintando. Os professores passavam por uma capacitação antes de iniciar cada turma, com a supervisão e orientação da coordenadora.

No segundo semestre de 2018, o Projeto Acolher realizou um convênio com a empresa Ericsson e o curso passou a ser desenvolvido com o viés tecnológico. O ensino de português com o auxílio das novas tecnologias como lousas digitais interativas, tablets, aplicativos, dentre outros recursos, com o objetivo de promover a inclusão

¹¹ As informações sobre esse curso oferecido pela UERR estão na próxima seção.

digital. A parceria com a empresa privada, proporcionou salas equipadas com as novas tecnologias e pagamento aos professores e coordenadores durante um ano.

Assim, em 2018 a UFRR recebeu o apoio do Programa Federal Idioma sem Fronteiras e da iniciativa privada. No entanto, o maior número de refugiados e imigrantes forçados beneficiados com o ensino de português, desde 2017, foi graças a professores e acadêmicos voluntários, sensibilizados com a situação social dos recém-chegados.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM PLE NA UERR

A Universidade Estadual de Roraima (UERR) iniciou o projeto de Extensão Português para Estrangeiros em 2006, no município de Pacaraima, fronteira com a Venezuela. Naquela época, o curso era voltado para sanar as dificuldades de comunicação dos acadêmicos venezuelanos que ingressaram à universidade por um convênio entre o Brasil e a Venezuela. Essas aulas de PLE permitiram integração e adaptação ao ambiente universitário brasileiro, além de colaborar com o desempenho das atividades acadêmicas dos universitários. (ARAÚJO, RABELO E MONTEIRO, 2010)

Em 2010 o projeto foi reformulado, pois não teve mais ingresso de estudantes estrangeiros por convênio. Assim, o novo objetivo era atender a demanda de estrangeiros que residiam em Pacaraima e Santa Elena de Uairén¹². Eram profissionais com atividade comprovada na fronteira Brasil-Venezuela e estudantes concluintes de Ensino Médio. Além disso, o curso Português para Estrangeiros apresentou-se como atividade complementar ou de estágio para a formação dos acadêmicos do sexto, sétimo e oitavo semestre do curso de Letras com Habilitação em Espanhol e Português. Contudo, também teve a participação de acadêmicos de pedagogia e de geografia. Cada turma contava com dois acadêmicos monitores e seguia a orientação da coordenação, com planejamentos semanais. O projeto se estendeu até junho de 2017, quando acabaram as turmas de graduação em Letras no campus de Pacaraima.

Nesses oito anos, 10 turmas finalizaram o curso que tinha duração de seis semestres. A UERR emitiu os certificados por módulos, sendo 120 de cada nível (básico, intermediário e avançado). Alguns alunos saíam do curso após finalizar o

¹²Cidades gêmeas, separadas por uma fronteira seca em 15 quilômetros de distância. Pacaraima no Brasil, Santa Elena de Uairén, na Venezuela.

primeiro ou o segundo nível, pois conseguiam emprego ou se mudavam para Boa Vista, capital do Estado, porém, a instituição não oferecia o projeto de extensão no Campus da capital, já que ainda não existia essa grande quantidade de imigrantes.

De acordo com São Bernardo (2016, p. 65) “para imigrantes e refugiados, a apropriação da língua do país de acolhimento não é meramente um fim, mas um meio de integração”. Buscando essa integração, no segundo semestre de 2017, em decorrência da grande demanda de venezuelanos em Boa Vista, a Pró-Reitoria de Extensão iniciou um novo projeto, Português Conversação e Produção Textual para imigrantes. Sendo duas turmas, uma de Conversação, destinada aos imigrantes com pouco ou nenhum conhecimento de português, e a outra, de Produção Textual, voltada para aqueles estrangeiros que já falavam português, mas, precisavam aprofundar os conhecimentos relacionados à língua escrita a fim de prestarem vestibular, prova de proficiência ou até mesmo, empregos que exigissem o domínio da escrita. (ZAMBRANO E ARAÚJO, 2017). Com esse projeto de extensão, a UERR começou a “voltar seu olhar ao público imigrante” (AMADO, 2013), tendo em vista que os outros cursos, apesar de serem destinados a estrangeiros, eram moradores da região fronteira, que transitavam nos dois países, não eram imigrantes.

O curso foi planejado para 120 horas de duração em cada nível, 60 horas por semestre. No primeiro semestre cada turma contava com um professor do curso de Letras da UERR, como titular, e um acadêmico de graduação, como monitor. No segundo, as duas turmas tiveram vários professores, organizados pela coordenadora do projeto. Eram alunos de graduação e pós-graduação (*lato sensu*), que pagavam as horas práticas da disciplina metodologia do ensino de línguas no curso, focando na abordagem comunicativa e intercultural discutida em sala de aula. As atividades eram dinâmicas, com situações reais de comunicação e com a valorização de todas as culturas presentes no âmbito local. Como afirma Silva (2003), o estudante que é reconhecido e valorizado quanto às suas tradições culturais durante o processo de ensino consegue se inserir mais fácil no cotidiano escolar e social. Sendo assim, tão importante, valorizar as contribuições das diversas culturas presentes no âmbito educativo.

No que compete à formação acadêmica, a UERR não tem nenhuma disciplina específica na área, mas incluiu na ementa da disciplina Metodologia do Ensino de Línguas um tópico obrigatório sobre ensino de PLE (na nova grade curricular do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica/PARFOR). Como afirma

Júdice (2016), a maioria dos cursos de letras não tem disciplinas voltadas ao ensino de PLE, no entanto, alguns envolvem os alunos em projetos, como estagiários ou voluntários. Dessa forma ocorria na UERR, já que as turmas antigas não tiveram a oportunidade de cursar disciplinas com esse conteúdo, mas os acadêmicos que se interessavam em participar do projeto de extensão liam alguns textos sobre ensino de PLE e eram orientados pela professora coordenadora.

Com relação à pesquisa, muitos trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação foram realizados, abordando diferentes aspectos do ensino de PLE na UERR, a maioria, de ex-monitores do projeto de extensão. No entanto, também há pesquisas de mestrado e doutorado de professores de outras instituições cujo foco foi o curso de Português para Estrangeiros da UERR/Pacaraima. Atualmente, estão iniciando as pesquisas em PLAc por meio de trabalhos de conclusão de curso da especialização em ensino de línguas.

Os cursos de extensão da Universidade Estadual de Roraima trabalham na perspectiva do PLAc desde 2017, porém, só no primeiro semestre de 2018 o projeto foi reestruturado e adaptado ainda mais às particularidades do ensino da língua como acolhimento. Com o nome Português como língua de Acolhimento, o curso que iniciou em agosto de 2018 foi de apenas 40 horas, tendo em vista a dificuldade dos imigrantes em frequentar aulas durante um longo período de tempo, pois, conforme Costa e Taño (2018, p. 8), “no ensino-aprendizagem de PLAc, o tempo disponível para aprender bem a língua é menor”.

Com a mesma ideia de acolher, surgiu outro curso, iniciado por uma professora que ministrava aula de forma voluntária para venezuelanos moradores de um bairro distante do centro de Boa Vista. Ela não poderia continuar e solicitou a colaboração da UERR. Dessa forma, a coordenadora do curso de Letras recebeu a demanda e um professor decidiu criar o projeto Integração dos Estrangeiros pelo Português Brasileiro, que está sendo desenvolvido no Campus da UERR localizado na periferia da cidade, para melhor atender ao público pré-existente. O docente conta com o apoio de acadêmicos voluntários do curso de Letras.

CURSOS DE EXTENSÃO DO IFRR

Com a grande demanda de imigrantes em Boa Vista, no segundo semestre de 2017, o Instituto Federal de Roraima (IFRR) começou a oferecer o curso de extensão

Português para Imigrantes. O projeto surgiu pela procura de alguns estrangeiros e a iniciativa de uma professora de português em querer ajudar esse novo público, como vemos no seguinte relato da Diretoria de Extensão do IFRR:

Diante desse contexto, o IFRR/Campus Boa Vista recebeu, por meio de demanda espontânea, imigrantes oriundos de vários países, dentre eles Haiti, Cuba e, principalmente, da Venezuela, requerendo participar de cursos de extensão e regulares ofertados pelo Campus. Mediante essa procura, os imigrantes buscavam informações de como aprender a Língua, pois, segundo eles essa é uma barreira significativa na hora de conseguir emprego. O Curso Português para Estrangeiros nasceu exatamente, quando duas imigrantes haitianas, que já tinham documentos da Venezuela, estiveram na DIREX (diretoria responsável pelo cadastramento) procurando informações para validar seus diplomas de enfermagem, curso concluído na República Bolivariana da Venezuela. Ambas carregadas de forte sotaque espanhol com francês, que fizeram o seguinte questionamento: “Esta escola não tem aula de português?”. (ARAÚJO et al., 2017, p.7)

O trecho acima mostra que os cursos não atendem apenas os cidadãos venezuelanos, mas de outras nacionalidades. Muitos deles também moravam na Venezuela e com o agravamento da crise, vieram para o Brasil, onde passaram a buscar oportunidades de aprender formalmente a língua do país de acolhimento.

Embora não tivessem experiência na área de PLE, vários professores se uniram e foram abertas 8 turmas, com a participação de acadêmicos monitores e egressos do curso de licenciatura em espanhol e literatura hispânica. No primeiro semestre de 2018 iniciaram mais 6 turmas, todas de nível básico, com 50 horas de aula. Cada turma tinha a coordenação de um professor da instituição e a prática docente de voluntários formados em letras. Apenas um com experiência em ensino de PLE, professor da UFRR.

De acordo com uma das professoras com formação em letras espanhol, foi um grande desafio, principalmente pela falta de experiência e por não ter recebido orientação sobre o ensino de PLE, PLA ou PLAc, entretanto, foi se adaptando de acordo com as necessidades dos alunos. Dessa forma, corrobora-se novamente com a fala de Cabete (2010) sobre autodidatismo e aprendizagem com a própria experiência profissional.

Cada turma tinha um nome, criado pelo professor titular quando fez o projeto de extensão, assim, uma era chamada Português como Segunda Língua, outra era Português para Imigrante ou ainda Português para Estrangeiro. Dessa forma, a metodologia também dependia de cada professor.

Apesar das pessoas envolvidas nesses projetos do IFRR não terem formação

específica nem denominarem os cursos como ensino de PLAc, é perceptível a característica apontada por Costa e Silva (2018, p. 607): “Uma metodologia de ensino-aprendizagem que trabalha no Brasil hoje sem nenhum investimento governamental, sem nenhuma política de ensino e sobrevivendo por meio de trabalho voluntário”.

De acordo com Araújo et al. (2017), o projeto do IFRR “[...] teve como meta principal promover a integração do aluno estrangeiro ao contexto sociolinguístico e cultural brasileiro, utilizando situações reais de comunicação”. As aulas trabalhavam as quatro habilidades pressupostas no ensino-aprendizagem de língua, promovendo a inserção dos imigrantes no universo linguístico e cultural do Estado de Roraima por meio de várias atividades extraclasse, como visitas aos pontos turísticos da cidade e festas gastronômicas, o que possibilitou o desenvolvimento da competência comunicativa em Língua Portuguesa. Com relação à competência comunicativa e à inserção cultural, Barbosa e São Bernardo (2014) afirmam que:

é essencial que um curso ofereça a capacitação linguística necessária à comunicação e aos afazeres do dia-a-dia; portanto, o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos - e, conseqüentemente, das subcompetências que a compõem, incluindo a *intercultural* - é de extrema importância. (BARBOSA e SÃO BERNARDO, 2014, p. 271).

Essa competência comunicativa e intercultural citada pelas autoras é uma das necessidades imediatas do público imigrante. Apesar de ser o objetivo da maioria dos cursos de línguas, nem sempre é alcançado.

Dado o exposto, o Instituto Federal está começando as experiências no ensino de português para estrangeiros. Embora a graduação oferecida pela instituição seja apenas em língua espanhola, a grande demanda de venezuelanos em Roraima fez surgir a iniciativa de acolher os imigrantes por meio do ensino da língua portuguesa. O desafio foi aceito por uma grande equipe de voluntários e além das aulas de português, passaram a realizar um circuito de palestras para estrangeiros. Os próximos cursos a serem ofertados para os imigrantes serão voltados ao ensino profissionalizante, como Marketing e Empreendedorismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após finalizar esta pesquisa é possível concordar com Amado (2013, p. 3), quando afirma que, existe uma grande lacuna no ensino de português como língua de acolhimento a estrangeiros “que chegam ao Brasil em situação de miséria moral e

muitas vezes com pouquíssimos recursos financeiros”. Porém, essa “lacuna” está sendo preenchida aos poucos nas IES roraimenses, embora o apoio governamental seja reduzido, as iniciativas voluntárias estão cada vez mais presentes.

A expressão PLAc passou a ser introduzida às discussões no âmbito universitário roraimense em 2017. Entretanto, o ensino de português no Estado já é diferenciado, pois os professores estão se adaptando à nova realidade social dos alunos e aceitando os desafios do ensino da língua portuguesa nesse contexto de imigração em massa.

Mesmo sem uma formação específica, os voluntários estão engajados em colaborar com a integração social da grande quantidade de imigrantes que chega diariamente ao Estado. Dessa forma, aprendem, na prática, o que é acolher por meio do ensino da língua portuguesa.

As universidades do Estado estão colaborando por meio de vários projetos de extensão e incentivando o ensino e a pesquisa na área de PLAc. As três IES enfatizam a competência comunicativa e intercultural, voltada para as necessidades imediatas e para o cotidiano desses estudantes.

Inúmeros são os casos de voluntários que estão dedicando parte do seu tempo livre ao ensino do português aos imigrantes. Inclusive, alguns universitários, após passarem pelo estágio, decidem continuar por conta própria. Em consequência, novas pesquisas estão surgindo na perspectiva de PLAc, uma área promissora para o ensino de língua portuguesa em Roraima.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. Índices nacionais de desenvolvimento do ensino de português língua Estrangeira. In CUNHA, C. M. J. e ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas*. Brasília, DF: EdUnB. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2007. p. 39-55.

AMADO, R.S. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. *Revista da SIPLE*, Brasília, ano 4, n. 2, outubro de 2013. Disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=309:oensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento-para-refugiados&catid=70:edicao-7&Itemid=113. Acesso em fev. 2018.

ARAÚJO, M.S.M.; RABELO, J.; MONTEIRO, H. M.V. *Projeto de extensão Português para Estrangeiros*. Pró-Reitoria de Extensão Universidade Estadual de Roraima, 2010.

ARAÚJO, F. C. *et al. Relatório curso básico de extensão português para estrangeiros 2017/2018*. Boa Vista, 2018.

BARBOSA E SÃO BERNARDO, M.A. Português para refugiados: especificidades para acolhimento e inserção. In: SIMÕES, D. M. et al. (Orgs.). *Metodologias em/de linguística aplicada para ensino e aprendizagem de línguas*. Campinas: Pontes Editores, 2014, p.269-278.

BORTONI-RICARDO, S.M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

CABETE, M.A.C.S.S. *O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento*. Dissertação de mestrado em língua e cultura portuguesa, Universidade de Lisboa, 2010.

COSTA, E.J.; TANO, R. Ensino de Português como Língua de Acolhimento a imigrantes e refugiados em São Paulo. *Revista CBTecLE*. São Paulo, 2018.

COSTA, E.J.; SILVA, F.C. Legislação migratória e português como língua de acolhimento: reflexões sobre políticas linguísticas e língua(gem). *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 14 - n.23. p. 598-612. 2018.

DE CASTILHO, A.T. Desafios para a promoção e a internacionalização da língua portuguesa. *ANPOLL / II LP Colóquio sobre a internacionalização da língua portuguesa: concepções de ações*, 2013.

GROSSO, M.J.R. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v.9, n 2, p. 61- 67, Brasília, 2010.

JÚDICE, N. O ensino de Português para Estrangeiros na perspectiva de quem forma professores no Brasil. In: TURAZZA, J. S.et al. (orgs) *Estudos em português língua estrangeira: homenagem à profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira*. 1. ed. - eBook - Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

MICHAELIS, Dicionário on line. *Acolhimento*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=xR2v> . Acesso em julho de 2018.

SÃO BERNARDO, M.A. *Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil*. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SENE, L.S. *Objetivos e materialidades no ensino de português como língua de acolhimento: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

SIMÕES, G.F. A imigração venezuelana para o Brasil e as ações desenvolvidas pela CSVN/UFRR em Roraima. In Baeninger et al (orgs). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População/Nepo/Unicamp, 2018.

PEREIRA, G.F. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 118-134, jan./jun. 2017.

SILVA, F.G. Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. In: FLEURI, R. M. (org.) *Educação intercultural: mediações necessárias*. DP&A, RJ, 2003.

SILVA, J.C.J. *Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil*. 41º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu – MG, 2017. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt16-26/10744-migracao-forcada-de-venezuelanos-pela-fronteira-norte-do-brasil/file> Acesso em jan. 2018.

ZAMBRANO,C.E.G.; ARAÚJO, M.S.M. *Projeto de Extensão Português para Imigrantes*. Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Roraima, 2017